



**BRINCAR LIVRE, CONSTRUINDO E BRINCANDO COM SEUS PRÓPRIOS
BRINQUEDOS - MÃE VOCÊ SABE, MAS EU TAMBÉM SEI! UMA EXPERIÊNCIA
DE ESCUTA, DE DIÁLOGO, DE ARTE, DE EDUCAÇÃO**

**PLAYING FREELY, BUILDING AND PLAYING WITH THEIR OWN TOYS - MOM
YOU KNOW, BUT SO DO !! AN EXPERIENCE OF LISTENING, DIALOG, ART
AND EDUCATION**

Marilane Damasceno¹
Professora particular

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência a partir de um estudo de caso realizado em Minas Gerais, durante o período de trabalho como professora numa escola Waldorf, bem como um estudo através de observação e interação com a prática pedagógica de uso de materiais reciclados, como modo de inclusão no contexto em que a escola está inserida: território, cultura, sujeitos e representações sociais. A pesquisa foi do tipo etnográfica contemplando o relato de um caso, da cidade de Belo Horizonte. O objetivo deste estudo foi identificar elementos na prática pedagógica da escola que possam ser ressignificados considerando a cultura e a estrutura educacional brasileiras. Foram utilizadas como estratégias de coleta de dados a observação participante e pesquisas bibliográficas como forma de contribuir na compreensão do fenômeno. Percebeu-se a necessidade de reestruturação desta prática pedagógica, utilizando-se elementos da cultura brasileira, colaborando com o alicerce identitário do país.

Palavras-Chave: Artes plásticas. Educação artística. Cultura brasileira. Educação inclusiva. Educação.

ABSTRACT

This paper is an experience report based on a case study carried out in Minas Gerais during my time as a teacher in a Waldorf school. It also includes a study of the pedagogical practice of using recycled materials as a way of inclusion in the context of the school, considering factors such as the school's location, culture, subjects and social representations. The research was ethnographic and included a case report from the city of Belo Horizonte. The aim of this study was to identify elements in the school's pedagogical practice that could be re-signified in a way that would be more aligned with Brazilian culture and educational structure. Participant observation and bibliographic research were used as data collection strategies to help understand the phenomenon. There seemed to be a need to restructure this pedagogical practice in a way that would be more in line with elements of Brazilian culture, which could contribute to the country's identity foundation. throughout the text (from the title to the footnotes,

¹ Artista plástica e Arte-educadora. Bacharel em Pintura pela UFRJ, licenciada em Artes Visuais pela UEMG, formada em Pedagogia pela Uniube, Pós-graduada em Arte, Educação e Cultura pela UEMG e Especialista em Pedagogia Waldorf. Experiência de 25 anos na área de Arte - Educação. Desenvolve produção artística autoral em Artes Visuais. Presta consultoria e desenvolve projetos na área de arte-educação e cultura. site www.marilanedamasceno.com / @ marilane_damasceno. CV: <http://lattes.cnpq.br/6256703414712680>



endnotes and references) should be Arial. This document is formatted according to the norms for the elaboration of scientific articles, so it can be used as an example. Including this abstract, which contains the proper number of characters (with spaces) and can be used to give an idea of the ideal size and formatting.

Keywords: Plastic arts. Art education. Brazilian culture. Inclusive education. Education..

INTRODUÇÃO

O propósito da pedagogia Waldorf é formar cidadãos conscientes do estar no mundo e da sustentação da vida. Nas escolas que utilizam essa pedagogia o docente atua como um amparo às necessidades vigentes do discente. A autoeducação é considerada como o ativamento de um exercício pessoal para impulsionar a própria capacidade intuitiva e de trabalho do educador, vinculadas ao conhecimento das leis que envolvem o amadurecimento humano. O exercício é conduzido, ainda que muitos não gostem deste verbo, numa perspectiva intrapessoal, quando o profissional atua com sua individualidade e ideias dentro da proposta educativa. Pode ser também realizado com a ideia de exploração da relação interpessoal, investigando como é exercida a idade de liberdade nos encontros educacionais, nas relações sociais, principalmente entre docente e discente. Em todos os casos, o papel de ambos, aluno e educador, são complexos, porque um dos pilares da pedagogia Waldorf é a singularidade do sujeito e de que forma ele experimenta essa singularidade para a conquista da autonomia.

Tem-se então como foco do aprendizado a vida, com práticas de rotina e de atividades para a manutenção do bem-estar social do complexo, como aprendizado para a tomada de decisões, ou seja, para a liberdade de escolhas que permitam a expressão da criatividade. Para a pedagogia Waldorf, o trabalho torna-se em prazer a partir do momento que nele se tenha liberdade para criação, aplicação e desenvolvimento de competências para a autorrealização.

Sendo assim, todas as atividades ainda que embasadas em teorias, são voltadas para a realidade prática, integrando áreas de conhecimento que vão no crescente com o passar dos anos escolares, cuja meta seja agregar ao sujeito novas habilidades e o exercício do poder criativo. Para auxiliar na busca por



experimentações, materiais reciclados são utilizados como práticas pedagógicas. Com o uso desses materiais, a intenção é que o sujeito aja sobre o meio, modifique-o e, neste processo, deixe sua marca e sendo igualmente marcado por ele. Isto se dá na medida em que as transformações do meio pelo homem são resultantes de necessidades subjetivas, de emoções, de expectativas, em suma, de vivências que vão fazendo parte da história pessoal daquele sujeito. Para realizar essas atividades, muitas vezes, faz-se necessário o auxílio de outras pessoas, outras peças, outros materiais e aí, a conexão entre sujeito – mundo vai acontecendo. O discente inicia o processo de se reconhecer no outro e de respeito às diferenças e às similitudes, no seu tempo, na sua urgência, na sua necessidade.

Vale ressaltar que a divulgação da Pedagogia Waldorf faz parte de um “movimento mundial” que não se resume somente na aplicação de práticas pedagógicas, mas tem como objetivo uma expansão de um ideário baseado na Antroposofia, um sistema que compreende o ser humano de forma sistêmica ao considerá-lo em suas realidades físicas, emocionais, psíquicas, espirituais, individualizadas e em interação com o meio ambiente, a sociedade e a cultura. No Brasil, existem aproximadamente 250 escolas e instituições inspiradas na Pedagogia Waldorf em todo território nacional.

“O fato de não se exigir ou cultivar um pensar abstrato, intelectual, muito cedo é uma das características marcantes da pedagogia Waldorf em relação a outros métodos de ensino. Assim, não é recomendado que as crianças aprendam a ler antes de entrar na 1a. série. [e] como o computador força um pensamento lógico-simbólico, nenhuma escola Waldorf digna desse nome utiliza essa máquina, sob qualquer forma, antes do ensino médio.” (SOCIEDADE ANTROPOSÓFICA NO BRASIL, 2023)

O todo aqui exposto converge ao que Paulo Freire intitulou como sendo a Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 1997). Para ele, assim como no caso da pedagogia Waldorf, o educador deve estimular a capacidade criadora do educando, aguçar a curiosidade, alertar contra a submissão. A experimentação é tema central da obra de Freire e para isso é preciso diálogo e respeito pelo aprendiz e por sua concepção de mundo, e ressalta que a educação baseada na interação entre educar e aprender requer os seguintes passos: observar o rigor metodológico; realizar



pesquisas; respeitar o conhecimento particular de cada aluno; exercitar o pensamento crítico; respeitar a ética e a estética; fazer o que diz e correr o risco de aceitar o novo, enquanto rejeita qualquer forma de discriminação; refletir criticamente sobre práticas educacionais; e assumir sua identidade cultural.

Mas sabe-se que um dos maiores problemas da educação brasileira é o analfabetismo funcional. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2020), cerca de 29% da população brasileira, ainda que alfabetizada, encontra dificuldades em ler, compreender, interpretar textos, ideias e realizar operações matemáticas simples. Isso impede sobremaneira o sujeito de se qualificar adequadamente na carreira, de organizar a sua vida financeira, de se identificar enquanto sujeito de transformação, de se sentir parte da nação.

Destaca-se ainda que o Censo escolar 2022, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP, 2022) apresenta uma média de 17,4 alunos anos por turma, nas escolas estaduais e municipais, de nível fundamental, enquanto que nas escolas privadas, que concentram somente 17% das matrículas escolares no país, que é o caso das que atuam com a metodologia Waldorf, a média é de 12,5 alunos.

Na tentativa de reduzir a dolorosa taxa de analfabetismo, perseguida desde os idos tempos do anúncio da República Brasileira, aportam no país inúmeras práticas pedagógicas importadas por movimentos migratórios coletivos, de pesquisadores, cientistas, articulistas, o que seja, ou políticos. Essas metodologias são implantadas sem adaptações às necessidades de cultivar no sujeito a cultura e a noção identitária do país. São impostas com objetivo único e claro de redução das estatísticas, como forma de auxiliar nas negociações com os organismos internacionais e, conseqüentemente, trazer divisas para o país, cujo sonho maior seja sair do lamaçal em que se encontram os países pobres.

Como o professor é o fio condutor na pedagogia Waldorf, afinal ele acompanha uma mesma turma durante um período de oito anos e há a obrigatoriedade de integração dele junto à família, como professora, pesquisadora e mãe de ex-aluno, encontrei na pesquisa uma forma de apresentar o meu olhar e a



minha vivência enquanto profissional da educação e os resultados que a aplicação desta metodologia processa no sujeito.

Durante o período de experimentação, nos quase dez anos, entre o ir e vir, enquanto professora, ficou clara a utilização de materiais como tintas, tecidos, lãs naturais, feltros, madeira, mas ainda assim utilizados de maneira bem distinta da que utilizamos no Brasil. Aqui a nossa geografia e cultura é bem diversa da Europa.

No jardim de Infância Waldorf, há um amplo conjunto de materiais e brinquedos naturais e pouco estruturados para um brincar que a criança possa inventar: Ora ela é a cozinheira, ora é a filha, ora é a mãe, ora é o gato, ora é peixe. É um brincar rico e profundo. Porém o jardim Waldorf no Brasil é ainda estruturado no modelo europeu. Somos um país em processo de descolonização, muitas práticas pedagógicas estão ligadas ao processo colonizador. Se temos condições econômicas, materiais e culturas diversas, isso tem que refletir em nossa prática pedagógica seja em qual metodologia for.

Na cultura europeia talvez esses materiais reciclados não cabem, mas aqui, no Brasil, considerando a realidade sócio econômica do país, no que concerne o desenvolvimento infantil é relevante o uso desses materiais no sentido de incentivar a socialização, fortalecer o vínculo entre alunos, estimular o desenvolvimento (físico, emocional e cognitivo), desenvolver otimismo, cooperação, autocontrole e a negociação. O uso de materiais reutilizados como prática pedagógica na pedagogia Waldorf aplicada no Brasil cria possibilidades de diálogo com a cultura e a tradição, aspectos fundamentais para a formação humana.

METODOLOGIA

O percurso dessa pesquisa teve início em 2002, quando iniciei meus trabalhos numa escola Waldorf, situada em Belo Horizonte, Minas Gerais. Como artista plástica e arte-educadora, dediquei dez anos da minha vida profissional nessa Escola. O caráter da minha pesquisa é etnográfico ou, como Clareto evidencia trata-se de Pesquisa Interpretativa, porque tem como base a noção de conhecimento como uma atividade humana comprometida, impregnada de emoções, paixões, ódio,



preconceito, vontade, crenças. Assim, “o conhecimento não é uma busca de adequações de verdades a realidades, mas uma interpretação. O conhecimento é sempre perspectival” (CLARETO, 2003, p. 233) .

Em seus estudos, André (2012, p. 28-29) aponta que, para uma pesquisa ser caracterizada como etnográfica, é preciso ficar atento a alguns preceitos: 1) uso de técnicas tradicionais da Etnografia como observação participante, entrevistas e análise documental pelo pesquisador; 2) interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado, sendo o pesquisador o principal instrumento para coleta e análise de dados; 3) ênfase no processo, naquilo que está acontecendo e não no produto ou nos resultados finais; 4) preocupação com o significado; 5) trabalho de campo em contato direto e prolongado com o objeto de estudo; 6) descrição e indução, o pesquisador tem acesso a dados descritivos que são por ele reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais; 7) busca formulações de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem.

Dessa forma se deu a coleta dos dados que compõem esse trabalho, por se tratar de uma pesquisa qualitativa. Busquei, enquanto pesquisadora, dados e significados que me ajudassem, de alguma forma a responder à questão envolvendo o uso de materiais reutilizáveis na educação e processo de construção do sujeito em transformação. Baseada nos estudos sobre o desenvolvimento humano de Piaget (1978), iniciei o processo de avaliação da aplicabilidade da pedagogia Waldorf adaptando-a com o uso de materiais recicláveis tendo um de meus filhos como base para elaborar meu relato.

Como artista plástica as imagens fazem parte do meu mundo e enquanto pesquisadora interagi com o sujeito participativo deste relato também com registro de imagens fotográficas do brincar, tendo como território o apartamento em que vivemos e, na cidade, como espaço principal. Foi então que iniciei os relatos e registros desse fazer no jardim Waldorf.

Os aspectos observados foram: 1) *a criança como propositora de seu brincar* – a criança quer brincar com algo, ela constrói, o que ela quer brincar a partir de sua imaginação.

(...) tendo a sua frente um guardanapo dobrado, a criança deve por meio de sua fantasia acrescentar algo que o transforme em figura



humana. Essa atividade da fantasia tem efeito plasmador sobre as formas do cérebro. Este se “abre” como os músculos da mão se deixam permear por uma atividade conveniente (...) todos os brinquedos que possuem apenas formas mortas e matemáticas destroem as forças plasmadoras da criança, enquanto tudo o que suscita a idéia de vida atua de maneira sadia. (STEINER, 2012, p.25)

2) *A função do adulto* – organizar um pequeno ateliê / espaço na casa ou na escola; cuidar da organização dos materiais, ajudar em tarefas indicadas pelas crianças as que ainda não conseguem executar. O adulto também está em trabalho, no seu próprio trabalho realizando –o com respeito. Rudolf Steiner diz que não devemos introduzir no jardim de infância trabalhos mentalmente elaborados, ele exemplifica falando de combinar palitos, trançar papel por exemplo.

3) *A vivência do corpo no espaço*- a partir da construção do objeto/ brinquedo, de um espaço menor à vivência mais ampla do corpo com o objeto construído, por exemplo: a construção de um foguete e a ida para a natureza para soltar o foguete. A criança que constrói seus objetos de brincar, brinca duas vezes ao construir e ao brincar com o objeto construído.

4) *A reutilização de materiais* como consciência ecológica e preservação da natureza. A criança pequena quer só brincar, oferecer esses materiais é trabalhar essa consciência sem teorizar.

5) *Acessibilidade do material para as várias faixas econômicas*. Num país, como o Brasil, com dificuldade de recursos para educação, um material sem custo pode facilitar os processos.

6) *A alegria* de construir, de realizar o seu propósito. Alegria traz presença e cria para a criança um ambiente bem favorável `a estar presente, brincar aprender/estudar.

(...) convém levar em conta que o próprio corpo físico determina, nessa idade (a criança pequena), o que lhe convém. Ele faz isso desenvolvendo adequadamente os apetites. De maneira geral, pode-se dizer que o corpo físico sadio requer o que lhe faz bem. Enquanto se tratar do corpo físico da criança, convém observar quais são os desejos do apetite sadio e da alegria. A alegria e o prazer são as forças que melhor plasmam as formas físicas dos órgãos. (STEINER, 2012, p.27)



7) Não ao consumismo, brincar com o que se tem às mãos, ir contra a corrente do binômio- criança e consumo, pois no mercado capitalista sabemos ser a infância um grande mercado para o consumo.

8) Integração dessa proposta de construção objetos/ brinquedos, como mais uma possibilidade do brincar na prática do Jardim de infância Waldorf.

Embora justamente em nossa civilização seja sumamente necessário o homem se torne plenamente lúcido na vida madura, deve deixar que a criança permaneça o mais longamente possível naquela agradável e sonhadora vivência na qual ela cresce em direção à vida- o mais demoradamente na imaginação, na atividade pictórica, na ausência de intelectualidade. (STEINER, 2012, p.28)

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A criança precisa brincar. É constitutivo para seu desenvolvimento que ela brinque livremente orientada por seus próprios impulsos criativos e suas necessidades etárias, em um ambiente (espaço físico e educador) que cuide para que ela possa realizar seus projetos/ brincar.

Como já mencionado, esse trabalho é um relato de experiência de uma mãe, artista, arte educadora. Depois de trabalhar 14 anos como educadora em instituições Waldorf no ensino infantil e fundamental e em outras instituições formais e não formais, precisei me deslocar por motivos pessoais para o ambiente doméstico. Já tinha dois filhos pré-adolescentes e chegou mais um, o Lucas.

Sempre muito ativo, procurava ao seu redor o que podia pegar para si e brincar. De suas imaginações surgia a necessidade de materializar algumas construções para continuar a imaginar e brincar. O lixo separado para reciclagem na casa e ser coletado pela prefeitura local foi o escolhido para seus projetos.

Dos três aos nove anos de idade, portanto numa fase histórica de seis anos, os reciclados separados em casa foram a matéria para o seu construir e brincar: caixas de papelão, embalagens plásticas, tampinhas, latinhas, fios, tecidos, plásticos, papéis e etc, transformaram-se em aviões, foguetes, naves, navios, espadas, submarinos, bonecos, construções móveis, etc. Ganharam vida, ocuparam espaços. À medida que os objetos eram construídos, e vivenciados em suas mecânicas quando



prontos era hora de experimentar, brincar: o avião ganhou voo ao decolar de cima de uma árvore, o submarino teve que ser testado no córrego da cachoeira. E a cada ação novas necessidades e fazeres.

Esse tipo de brincar eu chamei de propositivo no sentido de que a criança propõe, ela é a autoridade de seu querer e de seu fazer. Num ambiente motivador, a criança saudável encontra o que a anima.

Com o interesse apresentado pelo Lucas na coleta de materiais e na execução de seus projetos/brinquedos, percebi ali uma oportunidade de pesquisa a qual iniciei, observando, registrando em fotos e guardando o material que ele produzia, pois passado o interesse dele pelo brincar os brinquedos que não haviam mais sentido para ele iriam para o lixo. Tudo é feito para brincar! Assim disponho de extenso material produzido dos 2 anos aos 9 anos de idade quando esse fazer/ brincar foi cessando.

O que se tornou diferente no brincar do Lucas da proposta apresentada pela pedagogia Waldorf foi a utilização de materiais reutilizáveis. Na pedagogia waldorf considera-se o sentido do tato um dos sentidos importantes de trabalhar principalmente na primeira infância e esse sentido é desenvolvido através de materiais vindos da natureza, que ainda contenham elementos de calor e não plásticos e outros.

De um lado as condições ideais, que podem ser produzidas de outro as condições reais que são as que existem, que precisam ser olhadas e aceitas também para que estejamos na realidade da vida; do território em que vivemos, do planeta; que precisa reutilizar o que gera de lixo; a cidade que em geral não dispõe de espaços para a criança, e da cultura brasileira que é criativa em seus puxadinhos e gambiarras. Importante também dizer que somos um país pobre e que encontrar soluções simples, mas potentes, para educação de crianças e jovens pode contribuir muito para o nosso país.

A educação Waldorf compreende o desenvolvimento do indivíduo em 3 setênios, observando essas fases, determinada atividade, determinado conteúdo é oferecido à criança e ao jovem.



Uma outra questão que se apresenta no jardim waldorf em relação à autoridade do professor, ele como um sujeito que se prepara para observar as crianças e atendê-las em sua fase de desenvolvimento e em sua singularidade. Autoridade e autoria. Como não ser autoritário, ter uma autoria como professor, ser autor na sua sala, mas também se abrir para a escuta das “pequeninas” autorias, das singularidades. Não poderíamos restringir às crianças de usar determinados materiais e produzir determinados objetos, uma vez que um brincar livre, deve ser livre e não restritivo à novas ideias e realidade cultural, às ideias do que as crianças nos trazem.

CONCLUSÃO

Esse trabalho que apresento foi desenvolvido com uma criança e numa relação de mãe e filho, mas considero que ele tem contribuições a oferecer no trabalho da Educação Infantil em geral, e na educação dos jardins Waldorf.

A criança retira do seu imaginário aquilo que deseja construir. Dá vida, presença, matéria, atuando com todo o seu corpo e seu ser nesse processo.

A relevância dessa pesquisa/relato reside no fato de apresentar a importância de colocar a criança como propositora de seus projetos, a serviço de si, ativa; de reconhecer o saber desse sujeito, esse saber que todas as crianças possuem, cada uma a seu modo, de acordo com sua origem, seu território, e apresentar também o modo como o educador pode conduzir esse caminho, pois ele é figura importante nesse processo, mas não a mais importante.

Quando comecei a pensar em socializar essa pesquisa desenvolvida com meu filho, achei que era sobre arte e educação, mas depois vi que na verdade havia algo mais “importante”, era sobre escuta, sobre diálogo, e tudo começou quando um dia o Lucas me disse “Mãe você sabe, mas eu também sei!”, até então com os outros filhos eu achava que eu sabia e ia ensinar, Lucas me apresentou outra perspectiva, pude ouvi-lo e ver as coisas que ele sabia e queria me mostrar que sabia nos seus quatro anos de idade.



REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmaso Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BRASIL. IBGE. **Indicadores de desemprego**, 2020. Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br/indicadores#desemprego>>. Acesso em: 19 de abr. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União: 1996.

BRUNELLO, M. I. B; MURASAKI, A. K; NÓBREGA, J. B. G. **Oficina de construção de jogos e brinquedos de sucata**: ampliando espaços de aprendizado, criação e convivência para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Revista Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo. v. 21, n. 1, p. 98-103. 2010.

CLARETO, Sônia Maria. **Terceiras Margens**: Um estudo etnomatemático de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá). Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro: 2003.

COSTA, Patrícia Luiza PARIMPAR, coaching editorial Disponível em:<<https://parimpar.com.br/serviços>>. Acesso em 02 de maio de 2023

DALLABONA, S; MENDES, S. M. S. **O lúdico na educação infantil**: jogar, brincar, uma forma de educar. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG, v. 1, n. 4, p. 107-112, 2004.

FREIRE, Paulo Régus. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

FREIRE, Paulo Régus. **Pedagogia do Oprimido**. 25^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 2002. INEP. **Média de alunos por turma**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/media-de-alunos-por-turma>>. Acesso em: 19 de abr. 2023.

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf**. 5^a ed., São Paulo: Antroposófica, 1990.

NÓVOA, António. **As organizações escolares em análise**. Lisboa, Dom Quixote, 1995.

PERRENOUD, Phillippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.



XXXIII em CAMPOS DOS Goytacazes RJ
CONFAB

CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL

de **15 a 19 de novembro** de **2024**

Ensino da **Arte** para Toda Gente:
Acessibilidade, Diversidade e Democracia



PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. 13ª. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1985.

SOCIEDADE ANTROPOSÓFICA NO BRASIL. **A Pedagogia Waldorf**. Disponível em: <http://www.sab.org.br/pedag-wal/pedag.htm>>. Acesso em: 19 de abr. 2023.

STEINER, Rudolf. **Educação da criança segundo a ciência espiritual**. São Paulo: Antroposófica; 3ª edição. 1996.

STEINER, Rudolf. **Andar, Falar, Pensar- A atividade lúdica** São Paulo: Antroposófica; 5ª edição. 1996.

STEINER, Rudolf. **Os primeiros anos da infância - Material de estudo dos jardins de infância Waldorf** São Paulo: Antroposófica; 2ª edição. 2013.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
Manual para referências bibliográficas ABNT USP (2018).